

ASSOCIABILIDADES LISAS EM SOCIEDADES INTERATIVAS¹

SMOOTH ASSOCIABILITY IN INTERACTIVE SOCIETIES

Norma Takeuti²

RESUMO

A ideia de associabilidade é desenvolvida e aplicada na análise de determinadas composições ou combinações (de atores-rede) que surgem no cenário contemporâneo. Mais particularmente, postula-se a emergência, na atualidade, de um tipo de *associabilidade* denominada “aberta e lisa”, em agrupamentos jovens e a partir de seus modos de interação. Associabilidade está relacionada a uma sociologia que busca *delinear associações* (teoria ator-rede). As noções (deleuzo-guattarianas) de *liso e estriado*; mas também as de *rizoma, fluxos, multiplicidade e heterogeneidade*, contribuem para demarcar o termo associabilidade (vista sob um regime de outros signos, ritmos e vibrações) em relação à noção de sociabilidade tomada no sentido clássico da palavra, isto é, a que remete sempre para noções de identidade e de homogeneidade. Focando alguns exemplos de experimentações sociais jovens, na atualidade, o texto procura elucidar como o complexo de noções acima intervém na compreensão da associabilidade lisa jovem.

Palavras-chave: Associabilidade jovem.
Liso e estriado. Heterogeneidade.
Multiplicidade. Conexões.

ABSTRACT

The idea of associability is developed and applied in the analysis of certain compositions or combinations (of actors-network) that arise in the contemporary scene. Nowadays it is postulated the emergence, a sort of associability called "open and smooth" in youth groupings and from their modes of interaction. Associability is related to a sociology that seeks to *delineate associations* (actor-network theory). The notions (*deleuze-guattarians*) of smooth and striated and also of the *rhizome, flows, multiplicity and heterogeneity* contribute to set the boundaries of the term of associability (view under a regime of other signs, rhythms and vibrations) with *regards* to the notion of sociability in its classic sense, i.e., as a concept which refers always to the notions of identity and homogeneity. The text seeks to elucidate how the complex notions above intervenes in understanding the young smooth associability, focusing on some examples of young social experimentations.

Key words: young associability; smooth and striated; heterogeneity; multiplicity

¹ O presente texto foi escrito concomitantemente à preparação de uma comunicação em mesa-redonda intitulada Convivência entre os pares e os diferentes: sociabilidades contemporâneas, VI JUBRA – Simpósio Internacional sobre a Juventude Brasileira – O jovem e seus outros, UFRJ, 11/09/2015. O vídeo da apresentação oral encontra-se disponível em <http://jubra.aovivonaweb.tv/>. Os textos - oral e escrito -, inclusive o título, apresentam algumas variações.

² Professora titular da UFRN – Ciências Sociais. Docente-pesquisadora do PPGCS-DCS-UFRN. Coordenadora do Grupo de Estudos – Culturas e Subjetividades- Poesis/UFRN. Doutorado Estruturas e Mudanças Humanas – Universidade de Paris 9 – Dauphine. Pós-doutorado em Ciências Sociais – Universidade de Paris 7 – Dennis-Diderot. CV: <<http://lattes.cnpq.br/9696754276620458>>.

TRANSFORMAÇÕES NA SOCIEDADE

Irrecusável, nos dias atuais, o fato de estarmos vivendo mudanças significativas em vários planos da vida social – a natureza da sociedade humana vem mudando pela intensificação da interatividade, da sociedade em rede mediada por máquinas altamente performativas; pelas tecnologias que se inovam, a cada dia. A rede vai se abrindo (como um *rizoma*), cada vez mais, pela propagação de diversos fluxos semióticos, informacionais e comunicacionais. Antes de tudo, o rizoma tem qualidade conectiva. “O rizoma conecta um ponto qualquer com outro ponto qualquer e cada um de seus traços não remete necessariamente a traços de mesma natureza; ele põe em jogo regimes de signos muito diferentes, inclusive estados de não-signos” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 32).

Os princípios do rizoma que eu contemplo mais diretamente, no presente artigo, dizem respeito aos princípios da conexão e da heterogeneidade e ao da multiplicidade. Conexões, portanto, de uma multiplicidade heterogênea que atua em um “plano de consistência³ e do qual o Uno é sempre subtraído (n-1)” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 32).

Se os autores abrem o seu *Mil Platôs*, em seu primeiro volume com a *Introdução: Rizoma*, eles o “concluem”, no último texto do quinto (último) volume (DELEUZE; GUATTARI, 1997c), com *Regras concretas e máquinas abstratas* onde, mais uma vez, comparece a explicitação da noção de rizoma. Noção cara aos autores que me incita enormemente ao exercício analítico: do que eu trato quando me refiro a esse plano de consistência ou de composição? Concretamente falando,

a que estou me aludindo quando invoco conceitualmente os termos “multiplicidades de massas ou de maltas”, ou então, “multiplicidades anômalas e nômade”; e ainda mais, “multiplicidades de devir, ou de transformações”? (conforme expressões próprias dos autores, DELEUZE; GUATTARI, 1997c. p. 221). Algumas experimentações sociais em curso, mais abaixo descritos, podem clarificar essas noções, de imediato, um tanto abstratas. Resta, contudo, antes da intervenção dos exemplos concretos, dar maior clareza à afirmação de que a sociedade está cada vez mais interativa e mais *rizomática*.

O primeiro ponto a esclarecer diz respeito ao fato de estarmos atualmente mais suscetíveis à interação em redes sociais; a nossa possibilidade de encontrar pessoas e coisas, e com elas nos conectarmos, aumentou muito. Por interação em redes sociais, não se entenda somente interação na plataforma virtual – Facebook ou Twitter. É claro que esses dispositivos comunicacionais têm-se revelado (como ferramentas) cada vez mais importantes e imprescindíveis para a interação e a emergência de associabilidades que qualifico como “abertas e lisas” (discutirei isso, mais abaixo, inclusive esclarecendo o termo inédito, associabilidade – tudo aquilo que se associa). Por ora, atenhamos ao fato de que não podemos, hoje, falar de associabilidades jovens sem referência tanto às plataformas virtuais das redes sociais digitais, como o Facebook ou o Twitter, quanto às plataformas virtuais de blogs (blogosfera e híbridosfera). “A blogosfera tem sido nomeada como sendo a esfera pública do ciberespaço onde os blogs operam. Da mesma maneira, a híbridosfera pode ser definida como a esfera pública da Internet

³ Retenho o essencial da noção: “O plano de consistência ou de composição (planômeno) se opõe ao plano de organização e de desenvolvimento. A organização e o desenvolvimento dizem respeito à forma e substância: ao mesmo tempo desenvolvimento da forma, e formação de substância ou de sujeito. Mas o plano de consistência ignora a substância e a forma: as hecceidades, que se inscrevem nesse plano, são precisamente modos de individuação que não procedem pela forma nem pelo sujeito” (DELEUZE; GUATTARI, 1997c, p. 222).

que os *hybrilogs* percorrem e transformam” (ANDRADE, 2007, p. 54-55).

A circulação de informações e de conhecimento decuplicou, provavelmente bem mais, a partir dessas plataformas virtuais. Pensemos, na intensificação do midiativismo, após as manifestações, no Brasil (junho de 2013): transmissões ao vivo de “fatos quentes” captados em ato no instante mesmo do acontecimento, postagens de fotos e vídeos nas redes sociais, hashtags etc. ampliando a conexão entre diversas pessoas e coletivos que constroem uma nova rede de comunicação e de compartilhamento de informações e de conhecimentos. No ambiente comunicacional, o processo *peer-to-peer* (P2P)⁴ tem se espalhado de forma rápida, transmitindo e compartilhando arquivos em massa. Com sua tecnologia e rapidez, os dispositivos móveis passaram a ter papel preponderante na colaboração e participação dos processos de conexões em redes⁵. Mais possibilidades de afetações mútuas, de coproduções, de associações; ainda que possam, em sua aparência imediata, estarem ocorrendo topicamente. O importante disso tudo são os efeitos produzidos na natureza das relações entre as pessoas, nos modos de contato entre as pessoas, nos modos como elas fazem as coisas no cotidiano, nos modos de conhecer, de perceber, de sentir, de aprender, de ensinar, de consumir etc.

O segundo ponto a clarificar é de ordem teórica relacionada ao tema da propagação de fluxos semióticos, informacionais e comunicacionais, acima mencionada, que se dá pela *imitação*, pela *repetição*. Trata-se de conceitos de Gabriel Tarde⁶ sobre os quais me apoio para pensar a sociedade hoje mais interativa. Importante dizer que esses conceitos permanecem incompreensíveis, em sua proposta revigorante (ao menos, do ponto de vista das Ciências Sociais), se não nos reportarmos à Filosofia da Diferença⁷, como também às noções de *multiplicidade*, de *inventividade social*, *micropolíticas* e *produção do novo* (noções que não fazem parte diretamente do repertório tardiano; contudo, presentes virtualmente). A tese de G. Tarde, aparentemente, é simples: tudo no mundo físico, mundo vivo e mundo social se dá por processos imitativos. Esse conceito nada tem a ver com o imitar (do senso comum) – o simples ato de copiar ou repetir o outro (a *mesmidade*). Ao contrário, tem a ver com a ideia de produzir o diferente, o novo. Ora, só pode haver imitações entre entes diferentes que produzem outro ente diferente. Nessa perspectiva, a imitação não está relacionada a condutas de indivíduos, mas antes de tudo relacionada a “um fluxo ou uma onda”, assim como a explicam Deleuze e Guattari, em *Micropolítica e segmentaridade* (1996, p.

⁴ Peer-to-peer (ponto-a-ponto ou P2P): arquitetura de redes de computadores onde cada um dos pontos ou nós da rede funciona tanto como cliente quanto como servidor, permitindo compartilhamentos de serviços e dados sem a necessidade de um servidor central. As redes P2P podem ser configuradas em casa, em Empresas e ainda na Internet. Todos os pontos da rede devem usar programas compatíveis para ligar-se um ao outro. Uma rede peer-to-peer pode ser usada para compartilhar músicas, vídeos, imagens, dados, enfim qualquer coisa com formato digital. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Peer-to-peer>.

⁵ Os novos sistemas P2P estão indo além do compartilhamento entre pares, possibilitando conexão entre pares diferentes que podem trazer recursos, capacitando os pares individuais para realizarem tarefas maiores, para o benefício de todos os pares. <http://wikipedia.org/wiki/Peer-to-peer>

⁶ Dentre a diversidade de suas publicações, destacamos, para este artigo: Tarde (2011; 2007; 1895).

⁷ A sua *filosofia da diferença* que se encontra reverberada na filosofia de Gilles Deleuze. Esse pensamento parece hoje se vivificar diante de alguns acontecimentos políticos, onde uma multidão “(se) manifesta”, trazendo à tona uma política de multiplicidade ou, exprimindo-nos como Lazzarato (2006), uma *política menor*, esta entendida como outro modo de produzir algo novo, longe das paragens de uma “política da totalidade e da universalidade”.

98), ao retomarem as teses de G. Tarde no intuito de explicitarem suas ideias sobre a micropolítica. Então, “imitação é a propagação de um fluxo”; a invenção acontece na conexão de fluxos diversos (de informação, de conhecimento, de ideias, de projetos, de desejos) que estão na passagem onde se encontram *atores-redes*, dito isso na perspectiva de Bruno Latour (2012); autor este, por sua vez, que também se volve para as ideias tardianas. A concepção de ator é, nesta perspectiva, ampliada – tanto podem ser os humanos como os não *humanos* (objetos, máquinas, dispositivos, organizações, mecanismos, instituições, animais, plantas etc.); enfim, tudo o que tenha atuação efetiva na produção de algo, inclusive a produção de subjetividade (em suas intermináveis *dobras*⁸). Atuação efetiva, em uma rede interligada de conexões (os nodos de uma rede).

Creio que com essa pequena introdução referenciada de autores já se pode começar a entender em quês os fenômenos interativos, como ocorrem hoje, em quantidade e intensidade, vêm alterar profundamente a sociedade na medida em que há, aí, a produção da diferença.

FLUXOS DE INTERAÇÃO E ASSOCIABILIDADES

Em lugar do termo sociabilidade, passo a utilizar o de *associabilidade* que traduz melhor o meu posicionamento teórico. Justifico a busca desse outro termo pela necessidade de realizar um deslocamento em relação a noções que

acompanham o conceito clássico de sociabilidade, mesmo quando este é reatualizado nas leituras contemporâneas. As situações sociais ou, melhor ainda, as “associações provisórias”, tal como sugere Latour (2012), a partir das quais faço minhas atuais leituras e escritas sociológicas, exige que eu me situe, na pesquisa, com certo distanciamento em relação a determinadas noções caras ao conceito corrente de sociabilidade, tal como a de identidade, integração, homogeneidade, identificação e individualidade.

Busco sustentação ao termo associabilidade (o que se associa) na perspectiva da *teoria ator-rede* (LATOURE, 2012). Nesta, aparta-se da dita “sociologia do social” na medida em que esta tem por premissa de análise, sempre, os domínios da realidade como já dados ou existentes em si, isto é, seu método de pesquisa gira em torno do estado de coisas já estabilizado, coisas já agregadas e homogêneas. Já a “sociologia das associações” (assim definido na teoria ator-rede) toma outros caminhos de pesquisa. Latour (2006, p.9) comenta que, na perspectiva da ANT (Actor-Network-Theory), teria sido talvez melhor guardar a denominação “associologia” (estudo de associações⁹); muito embora tenha, em uma obra anterior, ponderado que fosse mais sensato e mesmo indispensável recorrer-se, algumas vezes, à sociologia do social, ainda que esta tenha se limitado “a designar componentes já conhecidos e aceitos: ela oferece uma forma prática e oportuna de designar todos os elementos já aceitos na esfera coletiva” (LATOURE, 2002, p. 31).

De toda forma, agarro o seu mote associologia (esta se constitui, para mim,

⁸ Sobre esse conceito, remeto ao meu artigo *Dobras na juventude e nomadismo* (TAKEUTI, 2012).

⁹ Ou mesmo, como o próprio autor lista: “sociologia da tradução, ontologia do actante-rizoma, ou sociologia da inovação”. (LATOURE, 2006, p.9)

em uma importante provocação no campo epistemológico da sociologia) para forjar a ideia de associabilidade, aplicável a determinadas composições ou combinações (de atores-rede) que surgem no cenário contemporâneo. Tal sociologia nos convida a sair da nossa zona de conforto habitual de pensamento sociológico, onde só captávamos o já estabelecido; um tipo de descentramento que nos lança em um mundo onde as coisas se transformam rapidamente, onde “já não é possível precisar os ingredientes que entram na composição do domínio social”. (LATOURE, 2002, p. 18). Assim é que a noção do social é revisada a partir mesmo da sociologia das associações. O social se apresentaria como uma permanente composição, descomposição e recomposição (sempre uma nova associação, que não está dada para todo o sempre) de seres (humanos e não humanos) que não pertencem necessariamente a um mesmo mundo comum; no social, há constantemente associações em arranjo, desarranjo e rearranjo¹⁰.

O termo associabilidade torna-se, então, definível pela ideia de que o social se relaciona com um mundo diluído, em rizomas, feito de uma agregação heteróclita de elementos heterogêneos e, certamente, “desregulada” e sem uma nitidez social, quando vista da ótica de uma sociologia do social que enfatiza nas relações já dadas, a integração, os conflitos, as contradições ou as oposições, e na qual ainda é predominante a visão binária das coisas e do mundo. Relaciono, portanto, a ideia de associabilidade a uma sociologia que busca “delinear associações”. Social não sendo mais uma “coisa”, mas bem: “Um tipo de conexão entre coisas que não

se definem elas próprias como sociais. Os elementos heterogêneos podem encontrar-se recombinados de forma inédita dando lugar, por seu turno, a novos agrupamentos” (LATOURE, 2006, p. 6).

Abaixo, no tópico “Ilustrações de associabilidade lisa jovem”, saio dessa abstração teórica para enxergar na própria realidade social (em um plano de consistência ou de composição) a concretude dessas (re)combinações e agrupamentos.

Trata-se, sim, de composições e recomposições que este artigo contempla. Antes, porém, da apresentação dos exemplos, importante ainda outro esclarecimento, relacionado às noções *liso* e *estriado* que compõem a presente reflexão. Observo, na análise de agrupamentos jovens na atualidade, a emergência de um tipo de associabilidade que chamo de “aberta e lisa”, quando vista do ângulo molecular da sociedade (evidentemente, preservando sempre a sua relação com o plano molar, o das instituições, organizações ou instâncias hierarquizadas e codificadas).

ASSOCIABILIDADES LISAS

O termo *liso* está referido às noções de *liso* e *estriado*, tal como as entendem Deleuze e Guattari¹¹. Agenciados por tais referências teóricas, precisamos ter em mente a coexistência dos dois termos em um mesmo plano de consistência. Na realidade, não são oposições simples; as duas formas se misturam:

O espaço liso e o espaço estriado, – o espaço nômade e o espaço sedentário, – o espaço onde se desenvolve a

¹⁰ Para melhor destrinchar esse tema, para além das obras e artigos do próprio Latour, sugiro dois textos de J. Segata: *Inventividade em rede* (2013) e *A Etnografia como Promessa e o “Efeito Latour” no Campo da Cibercultura* (2014).

¹¹ São três textos de Mil Platôs nos quais podemos extrair esclarecimentos sobre esses conceitos. No vol. 5, são os textos *Tratado de Nomadologia: a máquina de guerra* (1997a) e *O liso e o Estriado* (1997b); no vol. 3 – *Micropolítica e Segmentaridade* (1996).

máquina de guerra e o espaço instituído pelo aparelho de Estado, – não são da mesma natureza. Por vezes, podemos marcar uma oposição simples entre os dois tipos de espaço. Outras vezes, devemos indicar uma diferença muito mais complexa, que faz com que os termos sucessivos das oposições consideradas não coincidam inteiramente. Outras vezes, ainda, devemos lembrar que **os dois espaços só existem de fato graças às misturas entre si: o espaço liso não pára de ser traduzido, transvertido num espaço estriado; o espaço estriado é constantemente revertido, devolvido a um espaço liso.** Num caso, organiza-se até mesmo o deserto; no outro, o deserto se propaga e cresce; e os dois ao mesmo tempo. (DELEUZE; GUATTARI, 1997b, p. 179-180). (grifo meu).

Mais adiante, esclarecem ainda:

Contudo, ambos estão ligados, se relançam. Nunca nada se acaba: a maneira pela qual um espaço deixa-se estriar, mas também a maneira pela qual um espaço estriado restitui o liso, com valores, alcances e signos eventualmente muito diferentes. Talvez seja preciso dizer que **todo progresso se faz por e no espaço estriado, mas é no espaço liso que se produz todo devir.** (DELEUZE; GUATTARI, 1997b, p.195). (meu grifo).

Para melhor entendermos esses dois tipos de espaço, trago o exemplo da teoria dos jogos¹², dentre os exemplos¹³ que os autores expõem para mostrar “as passagens e as combinações, nas operações de estriamento, de alisamento” (DELEUZE; GUATTARI 1997b, p. 214). Mais especificamente, trata-se do jogo do Xadrez e o jogo

chamado Go¹⁴. Este último, de origem chinesa, é menos conhecido no Brasil; é um jogo territorial que busca criar conexões, definir componentes conexos; o que está em jogo é a conquista de território, a apropriação de maior quantidade de intersecções possíveis; não é como o xadrez que é importante capturar as peças do adversário para se chegar ao rei e lhe dar um cheque-mate. No xadrez, as peças que o compõem são bem definidas; cada uma possui uma “propriedade intrínseca” e só se movimenta de acordo com a sua função e posição ocupada no campo: por exemplo, o Cavalo se movimenta em L, o Bispo pelas diagonais, a Torre em linhas retas para frente e para trás e para as laterais; há limites para o avanço e ocupação de pontos estratégicos; cada peça possui o modo de captura e é regida pelos status, regras e normas atribuídas a cada uma.

Já no GO, não se distingue “quem é quem” – joga-se com pedras ou pastilhas (brancas e pretas) – nenhuma pedra possui uma propriedade intrínseca, sua “única função é anônima e coletiva” (DELEUZE; GUATTARI, 1997a, p. 14). Propriedade e função são adquiridas em situação (naquela associação provisória) e na ação do momento em que cada peça participa de um evento; cada uma das peças componentes seria um *actante*¹⁵ que se despoja de sua função em seguida. Nas funções de cerco, margemação, neutralização ou isolamento dos adversários, as conexões entre as peças orientam-se taticamente, como em um sistema a-centrado. Outra “concepção de espaço-tempo”

¹² Este exemplo se encontra no *Tratado de nomadologia: A máquina de guerra* (DELEUZE; GUATTARI, 1997a, p. 13-14).

¹³ Para explicar os conceitos de *nomadismo e máquina de guerra*, os autores recorrem a outros modelos (tecnológico, musical, marítimo, matemático, físico e estético) que se encontram no texto *O liso e o estriado* (DELEUZE; GUATTARI, 1997b, p. 179-214).

¹⁴ Considerado o mais antigo jogo do espírito, uma estratégia combinatória. A sua origem remonta a 4000 a.C.; inventado na China, e chega ao Ocidente somente por volta do século XVII; há versões que dizem estar o Go na origem do xadrez.

¹⁵ No sentido da teoria ator-rede (LATOURETTE, 2012). A tradução mais apropriada para *actante* que tenho encontrado em determinados artigos, no Brasil, seria *atuante*.

(comparado ao xadrez). Outros modos de interação que diferem em muito daquilo que se passa em um tipo de “sociabilidade estriada” (sociabilidade tomada no sentido clássico da palavra) como aquela que interpela a identidade e a homogeneização, bem como aquela que se constitui em um espaço codificado e regrado onde cada um possui, no interior do seu próprio campo, um valor maior ou menor que o outro, como no jogo de xadrez; as relações só podendo ser biunívocas entre os pares hierarquizados; os movimentos de cada categoria dos componentes do espaço possuindo regras e normas de movimentação e de ação restritas à sua posição no campo.

Para sair da abstração, um bom exercício de análise seria o espaço (estriado) universitário (corpo docente, corpo discente, corpo técnico-administrativo – a palavra “corpo” já incita separação incontornável entre cada um deles –, estrutura física, grade curricular etc.). Podemos destacar, desse conjunto de componentes, a vida acadêmica dos estudantes e rapidamente passamos a entender – mesmo porque nossas próprias vivências o testemunham – o quanto esse espaço se assemelha ao tabuleiro de Xadrez (espaço estriado) e às suas regras que redundam em movimentações restritas dos corpos ali presentes diariamente. São diversos os regulamentos (grade curricular, disciplinas a cursar, horários etc.), os procedimentos (matrícula, avaliação, frequência etc.), as sanções (reprovação, suspensão, notas baixas etc.) e as gratificações (aprovação, diploma, certificados de participação, bolsa de estudo etc.), além das diversas regras de conduta que regem a vida

acadêmica do estudante. As movimentações deste corpo são bastante codificadas (do mesmo modo que para os outros corpos ali presentes) em um universo altamente hierarquizado, como o do jogo de xadrez no qual o peão só pode dar um passo para frente (excepcionalmente, dois passos no momento em que inicia movimento pela primeira vez). A sua sociabilidade é cadenciada pelas diversas “estrias” do espaço universitário.

Dito isso, entendo que devemos ter sempre por precaução uma perspectiva articulada, na qual não se opera analiticamente com oposições estanques¹⁶ entre tipos de associabilidades que se dão em espaços lisos e estriados; há sempre passagens e combinações entre esses espaços. Em vista dos esclarecimentos acima, vimos que não há como existir uma “nova sociabilidade” (associabilidade lisa) deitando por terra uma antiga (“sociabilidade estriada”). Esta é mais operante naqueles pontos onde uma aglomeração se dá por uma contingência institucional, como vimos acima no exemplo do espaço universitário. Como no xadrez, aí, os componentes se distribuem em um espaço fechado, movendo-se apenas de um ponto ao outro com um mínimo de peças (recursos). Mas dizer que os modos de interação e modos de subjetivação do jovem universitário estão reduzidos a esse espaço altamente estriado seria um equívoco. São esses mesmos jovens que estão também em outros espaços (nos dias atuais, prevalentemente em plataformas virtuais) trocando informações, conhecimentos e experimentações; isto é, lá onde há passagens, também, de outros fluxos e outras formas de agenciamento

16 “O espaço liso não pára de ser traduzido, transvertido num espaço estriado; o espaço estriado é constantemente revertido, devolvido a um espaço liso”. (DELEUZE; GUATTARI, 1997b, p. 180).

e de sensibilidade, que lhes possibilitem formas de associabilidade lisa. Além disso, sabemos bem que, no próprio espaço universitário, se produzem brechas para a produção de espaços lisos, quer sejam nos corredores dos setores de aula, quer sejam durante eventos científicos, culturais e artísticos e, até mesmo, em salas de aula onde haja experimentações de aprendizado em um processo mais horizontalizado.

A associabilidade, aberta e lisa, encontra-se sob o regime de outros signos, ritmos e vibrações. Aqui, precisamos nos remeter para outros espaços, melhor dizer, lançarmo-nos para *platôs*. Inspirados em Gregory Bateson, Deleuze e Guattari (1995, p. 33) explicam que platô seria “algo muito especial: uma região contínua de intensidades, vibrando sobre ela mesma, e que se desenvolve evitando toda orientação sobre um ponto culminante ou em direção a uma finalidade exterior”. Por esta definição, platô já é por si mesmo mais liso; tal como no espaço do jogo de Go, onde podemos enxergar uma relação horizontalizada de pares (todos tendo igual peso ou valor). Aí, estão ausentes a hierarquia, os individualismos ou personalismos, em sua forma definitiva – quer seja de classe, de gênero, de cor, de escolaridade, enfim, todas essas categorizações da “segmentaridade binária”, para assim utilizar uma expressão dos mesmos autores. Para vermos como a associabilidade lisa se assemelha ao jogo de GO, vou mostrar alguns exemplos em seguida, que ilustram como jovens adentram em um campo de ação

ou de uma *pragmática*¹⁷ e se aglomeram numa perspectiva horizontal, sabendo que podem vir a ter atuações diferenciadas entre si em um plano de composição. Como no Go, interagem (uns levam reforço para um ponto e outros correm para outro ponto) e se distribuem em um espaço aberto e ocupam um território; e como as pedras do Go, podem surgir em qualquer ponto do espaço social – lá onde urge e, no caso os jovens, acorrem lá onde há gritos de raiva, mas também explosões de alegria e risos!

ILUSTRAÇÕES DE ASSOCIABILIDADE LISA JOVEM

Vamos nos projetar para um plano molecular, lá onde podemos enxergar alguns modos interativos e cujos fluxos de interatividade humana ganham força, velocidade e fecundidade pelas tecnologias de comunicação e informação.

1º. Um primeiro exemplo diz respeito aos desejos que se orientam para repensar os espaços das cidades. Como exemplo, penso no movimento *Ocupe Estelita*¹⁸ que surgiu em oposição ao projeto imobiliário do “Novo Recife” voltado para construir 12 torres residenciais no “coração” da cidade, para cindi-la. Em face disso, alguns jovens iniciaram uma estratégia de enfrentamento, sem nenhuma organização prévia. Começaram acampando no local previsto de construção das torres para onde outros mais foram chegando

¹⁷ O termo pragmática pauta-se na noção de pragmática menor em Deleuze e guarda uma estreita relação com a experimentação (de múltiplos em ação) que, por sua vez, está relacionada à noção de micropolítica. “Experimentação é prática e concreta, ela funciona no real, ela dá a toda multiplicidade um alcance social e político, de modo que toda exploração de uma multiplicidade é também a extensão de suas fronteiras para uma dimensão coletiva, pois o que está em jogo na experimentação é a fuga dos estratos e sedimentações que toda multiplicidade comporta.” (CARDOSO, 2011, p. 112).

¹⁸ Colabora, nesta parte do texto, sobre o tema Ocupe Estelita, a bolsista de Ciências Sociais Yanna de Medeiros.

(alertados pelas redes digitais sociais); seguiram organizando a infraestrutura do acampamento, organizando atividades políticas e estratégicas, assim como atividades culturais (eventos, oficinas experimentais, em suas táticas de sensibilização e mobilização da população). Um mutirão através do qual tudo foi se fazendo e se conseguindo graças à chegada de pessoas, grupos e coletivos (advogados, arquitetos, urbanistas, artistas, músicos, designers, e mais estudantes etc.) que se somavam com a difusão de informações, conhecimentos e ideias para o encaminhamento de propostas ao poder público. Mesmo depois da desocupação por ordem judicial, as atividades continuaram – sobretudo reforçadas nas plataformas virtuais – abrindo brechas para o surgimento de outros projetos de modo a fortalecer o debate público acerca da apropriação coletiva e inclusiva da cidade do Recife.

2º. Outro exemplo de ação dirigida para algum ponto específico do espaço urbano são as experiências em São Paulo (agora, disseminando-se para outras partes do Brasil), de ocupação, apropriação de espaços públicos¹⁹ com o intuito de tornar o lugar (praça, terreno ou canteiro vazio) mais agradável para convivência, relaxamento e encontros amistosos - a exemplo do Largo da Batata, Buraco da Minhoca etc. Diversas atividades (oficinas de jardinagem e de dança; feirinha gastronômica, artesanal ou literária; eventos

musicais ou intervenções poéticas) sucedem sem a mediação de organizações privadas ou públicas. Iniciativas espontâneas que brotam, por processos imitativos e inventivos.

3º. Um exemplo, agora, no campo da produção musical: as já bem conhecidas experimentações da rede *Fora do Eixo*, que se iniciou, em 2005, através da iniciativa de compartilhamento de experiências entre coletivos jovens de quatro estados do Brasil²⁰ com a ideia de produção musical independente. Atualmente, é uma rede de coletivos culturais que congrega mais de uma centena de coletivos jovens de várias cidades, do Brasil e de alguns países da América Latina²¹. Houve ampliação do seu escopo de atuação para outras produções culturais (cineclube, teatro, dança, artes visuais, softwares livres, jornalismo alternativo – o coletivo *Mídia Ninja*²² surge no interior desse movimento); inclusive, criaram um Banco com moeda própria (cubo card) e uma Universidade autônoma. *Midiativistas, midialivristas, hackers, ciberguerrilheiros*, entre outros termos, colocam-se como diferentes vertentes de um tipo de ativismo que emerge, o *ciberativismo* – utilização das plataformas virtuais (redes sociais e blogosfera) como dispositivos de articulação e de propagação de informações e ações.

4º. Vale a pena citar iniciativas em torno de atividades intelectuais. Podemos acessar blogs inventivos que se prestam,

¹⁹ Podemos nos interar das atividades que se passam nesses lugares, em tempo-real, seguindo as hashtags #VOUPRA-PRAÇA e #LABORATORIOS (que se propõe a investigar e experimentar processos de rede). Ver também: <http://vilamundo.org.br/2015/08/a-batata-precisa-de-voce-lanca-manual-sobre-como-fazer-ocupacao-regular-no-espaco-publico/>

²⁰ Fora do Eixo – <https://foradoeixo.org.br>

²¹ Mais de 200 espaços culturais no Brasil, 2000 agentes culturais, 2800 parceiros e 20.000 pessoas indiretamente, com presença em mais de 20 estados brasileiros e em 15 cidades de outros países da América Latina. <https://foradoeixo.org.br>

²² *Mídia Ninja* surge, durante as manifestações no Brasil, junho/2013, por meio de uma experiência na rede *Fora do Eixo*, com o objetivo de exercer a mídia livre (*midialivrisimo*), tendo o peer-to-peer como base de transmissão e compartilhamento de informações em rede. Prática que insurge contra a mídia corporativa hegemônica brasileira. Transmitindo ao vivo os protestos e manifestações, os midiativistas desejam mostrar aquilo que não é coberto pela mídia “oficial”, ao mesmo tempo em que desejam mostrar a desnecessidade de intermediários e a capacidade de “qualquer um” na produção e compartilhamento de informações e conhecimentos, isto é, qualquer pessoa pode vir a ser um midialivrista com o seu smartphone e seu pensamento próprio.

por exemplo, a uma experimentação reflexiva, tendo por base, de um lado aportes “sequestrados” do campo acadêmico e, de outro, a matéria-prima bruta dos acontecimentos cotidianos diversos. Ilustro com o blog *Razão Inadequada*²³, produzido por jovens estudantes e graduados (Psicologia, Filosofia, Artes Plásticas, Design) que elegem o ciberespaço como o espaço de “produção independente”, distinguindo-a da produção científica a qual “gera peso”; o ciberespaço como o lugar onde possam exercitar seus pensamentos, seus diálogos, seus afetos, suas experimentações, suas loucuras, suas imaginações e fantasias.

5º. Por fim, vale lembrar os empreendimentos econômicos a caráter inovador onde se questionam os princípios fundamentais da economia de mercado pautada unicamente no crescimento do capital financeiro.

- O exemplo do *Instituto Chão* na Vila Madalena em São Paulo²⁴, cujo negócio, empreendido por jovens, é a venda de produtos orgânicos e artesanais ao preço de custo. Quem financia? O próprio cliente que passa do status de consumidor, pelo preço imposto, ao de aliado que deseja que aquele negócio vá em frente (investe via doações); também, a rede de fornecedores enquanto parceiros de produção artesanal ou orgânica; bem como o proprietário do imóvel onde se localiza a loja que lhes deu concessão de uso.

Todos, apostando em um princípio de economia que prime o capital social²⁵.

- Outro caso exemplar é o de *Serpica Naro*²⁶ em Milão, no mundo da moda, com a sua estratégia *hoax* (trote) desenvolvida pelos assim chamados “jovens trabalhadores precários” do circuito da alta costura que irradia para o mundo inteiro. Esses “invisíveis” resolveram, em 2005, também fazer parte da Semana da Moda como produtores-criadores de moda, ao mesmo título que as grandes marcas da “alta moda”. Lançaram uma coleção ousada/provocativa/sexy como parte de um “novo modo de vida urbano” (o da precariedade!), assinada simplesmente por um *avatar* por eles criado – *Serpica Naro*²⁷. O trote foi descoberto somente na própria semana do evento – enigma, verossimilhança, originalidade e raridade eram parte do estratagema do lançamento do nome. Resumindo, o sucesso de *Serpica Naro* foi tanto que suscitou interesse imediato por parte das empresas de marca. Os idealizadores do trote, desde então apoiados por uma densa rede de movimentos na cidade constituíram: uma oficina de estilismo; uma plataforma virtual para criar uma comunidade virtual através da qual jovens estilistas efetivem trocas de suas experiências em auto-produção e disseminem o princípio de uma economia de capital social; uma frente para tratar dessas questões

²³ *Razão Inadequada* – <http://razaoinadequada.com/>

²⁴ Instituto Chão - <http://www.institutochao.org/> Ver também: <http://outraspalavras.net/outrasmidias/destaque-outras-midias/outra-economia-agora-no-coracao-da-vila-madalena/>

²⁵ Atualmente, encontramos essa prática disseminada de contribuição a iniciativas – Wikipédia, blogs de mídia alternativa, como *Outras Palavras* e assim por diante.

²⁶ In GATTOLIN (2006). Disponível em: www.multitudes.net/Serpica-naro-un-hoax-activiste/

²⁷ Os detalhes desse trote são interessantes, mesmo porque eles “bombaram” durante a semana do desfile, a ponto que receberam ofertas sedutoras. Ver www.multitudes.net/Serpica-naro-un-hoax-activiste/

de propriedade intelectual e do livre-acesso ao conhecimento. Para não me alongar demais, resumo: Serpica Naro²⁸, após 10 anos passados, “continua viva” e propagando suas ideias e ações, inclusive em algumas partes do mundo (Índia, São Salvador, Rússia).

- Como este exemplo, temos outros que empreendem uma produção material a partir do princípio de código aberto, isto é, produção sob a Licença de Criatividade Comum, demonstrando que conceitos de software de código livre e aberto podem ser aplicados fora do mundo digital, a exemplo do coletivo Superflex na Dinamarca²⁹ (que ajudou o coletivo em torno de Serpica Naro) e sua criação da marca *Free-beer* (cerveja a código aberto).

A característica da associabilidade em um espaço aberto está relacionada à fluidez dos fluxos, enquanto que em espaços estriados há obstrução de fluxos e o desbaratamento de aglomerações, como se vê claramente em certos segmentos molares em suas tentativas de impedir a emergência do novo. A associabilidade aberta e lisa, ao contrário, impulsiona

os atores-rede para os “bons encontros” (sentido espinosiano) de modo a aumentar a potência de agir. Como no jogo do Go, prevalece a ideia de ocupar o espaço aberto e cada componente pode “surgir em qualquer ponto continuamente, sem alvo nem destino, sem partida nem chegada. Espaço ‘liso’ do go, contra espaço ‘estriado’ do xadrez”³⁰.

Os exemplos que citei ilustram bem isso; ela favorece a abertura das *linhas de fuga*³¹; é justamente nelas “que se inventam armas novas, para opô-las às armas pesadas do Estado” (DELEUZE; GUATTARI, p. 79). A *desterritorialização* procede, aí, em meio à passagem de fluxos, onde há forças em circulação com a capacidade de arrancar uns e outros de um conhecido *território existencial* para lançá-los a outros territórios (*reterritorialização*)³². É, nesse momento, portanto, que se abre o espaço da produção da diferença. Aí, a ideia de pares homogêneos (cara à abordagem clássica da sociabilidade) é diluída e se salienta a ideia de uma multiplicidade de potenciais heterogêneos que realizam coisas e se realizam no percurso; tal como os nômades, que só possuem vetores e não linhas traçadas, em seu caminhar. “O modelo é turbilhonar, num espaço

²⁸ <http://serpicanaro.org/>

²⁹ Free Beer, a primeira marca de cerveja a código aberto - receita e marca registrada, produzidas sob a *licença Creative Commons*. Criada, em 2004, por estudantes da Universidade de TI em Copenhague, juntamente com o coletivo Superflex, os quais quiseram mostrar que conceitos de software de código livre e aberto podem ser aplicados fora do mundo digital. http://wikipedia.org/wiki/Free_Beer

³⁰ “*Nomos do go contra Estado do xadrez, nomos contra polis*. É que o xadrez codifica e descodifica o espaço, enquanto o go procede de modo inteiramente diferente, territorializa-o e o desterritorializa (fazer do fora um território no espaço, consolidar esse território mediante a construção de um segundo território adjacente, desterritorializar o inimigo através da ruptura interna de seu território, desterritorializar-se a si mesmo renunciando, indo a outra parte...). Uma outra justiça, um outro movimento, um outro espaço-tempo.” (DELEUZE; GUATTARI, 1997a, p. 14).

³¹ “Quanto às linhas de fuga não consistem nunca em fugir do mundo, mas antes em fazê-lo fugir, como se estoura um cano, e **não há sistema social que não fuja/escape por todas as extremidades**, mesmo se seus segmentos não param de se endurecer para vedar as linhas de fuga. Nada de imaginário nem de simbólico em uma linha de fuga. Não há nada mais ativo do que uma linha de fuga, no animal e no homem” (p. 78). Segue, mais adiante: “(...) de modo mais frequente, um grupo, um indivíduo funciona ele mesmo como linha de fuga; ele a cria mais do que a segue, ele mesmo é a arma viva que ele forja, mais do que se apropria dela. **As linhas de fuga são realidades; são muito perigosas para as sociedades, embora estas não possam passar sem elas, e às vezes as preparam**” (p. 79). (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 78-79) – (Grifos Meus)

³² Desterritorialização-reterritorialização: Outro par de noções dos autores que atravessa o conjunto de suas escritas em *Mil Platôs*. Para um acesso, resumido e direto, pode-se consultar o texto *Regras concretas e máquinas abstratas* (DELEUZE; GUATTARI, 1997c, p.224).

aberto onde as coisas-fluxo se distribuem, em vez de distribuir um espaço fechado para coisas lineares e sólidas.” (DELEUZE; GUATTARI, 1997a, p. 25).

Essas pragmáticas micropolíticas – que são bem exemplos de uma associabilidade lisa – constituem-se em um importante substrato de manifestações que podem ocorrer em larga escala, como as que têm ocorrido desde 2011. São pragmáticas que evidenciam, nas associações jovens, o desejo de “produzir algo, juntos”; produzir um *comum* na confluência de interesses e paixões. Em que isso se distingue da ideia de “estar juntos”, pelo prazer, usufruto do tempo livre no qual prevalece a “não ação” de um “tribalismo hedonista”³²? A diferença está no espírito de compartilhamento da coisa produzida, em uma ação visada, na propagação de experiências de autoprodução (código livre e aberto – softwares livres), sem a mediação de entidades “transcendentais” (indústria fonográfica, empresas, universidades, sindicatos, partidos políticos, e assim por diante) – é a propagação da experiência de muitos para muitos. A diferença está na ideia de coprodução/cocriação na conjunção de componentes heterogêneos, definidos e estabelecidos em suas diferenças.

Para finalizar, diria que há uma espécie de *profanação* (AGAMBEM, 2007) de “campos sagrados”, isto é, haveria uma *crença* (no sentido de uma *força motriz*, conforme TARDE, 2007; 1895) de que “muitos” podem produzir algo que possa ser reconhecido (menos, na perspectiva

do reconhecimento de um ou mais indivíduos, “gênio(s)-produtor(es)” e, mais, na do reconhecimento da *ideia-força* presente em uma dada experimentação). Profanação, portanto, que se dá pela afetação de corpos³³ e pela produção da diferença! Crenças e desejos (que se engendram na exterioridade, no “fora”), enquanto forças motoras, só podem se desdobrar em espaços lisos de platôs (tais que os exemplos, acima citados). É nos seus traçados que se pode, então, rastrear: um desejo de devir outro em um campo aberto de experimentações sociais para a reinvenção da política da vida; um desejo de outro modo de fazer política, em outra esfera pública compartilhada por um múltiplo (comunidade política); um desejo de transpor o estreito umbral político (entenda-se cultura política), que opera apenas na lógica de grupos hegemônicos, a fim de abrir-se a um *agir em comum*, em conexões maiores entre *menores*. Entenda-se o menor aquilo que se relaciona à *multidão* que pode vir a embaralhar códigos sociais normativos (DELEUZE; GUATTARI, 1977); é no menor e no liso que se pode encontrar o fluxo vital da própria sociedade.

³³ Faço alusão às análises maffesolianas

³⁴ Em Deleuze (1991) e Tarde (2007), o mundo social, assim como o mundo físico e dos viventes em geral, realiza-se na *multiplicidade* dos corpos em afetação (*uma força é afetada por outras ou afeta outras*); a dobra constitui-se pelo poder de afetação; corpos em conexão realizam e produzem dobras, daí, o *potencial emergente do novo*. “Os corpos coletivos sempre têm franjas ou minorias que reconstituem equivalentes de máquina de guerra, sob umas formas por vezes muito inesperadas, em agenciamentos determinados tais como construir pontes, construir catedrais, ou então emitir juízos, ou compor música, instaurar uma ciência, uma técnica.” (DELEUZE; GUATTARI, 1997a, p.32).

REFERÊNCIAS

AGAMBEM, Giorgio. **Profanações**. São Paulo: Boitempo, 2007.

ANDRADE, Pedro. Sociologia da blogosfera: figurações do humano e do social em *blogs* e *hybrilogs*. **Comunicação e Sociedade**, vol. 12, 2007, pp. 51-65.

CARDOSO, Hélio R. **Pragmática menor em Gilles Deleuze**. São Paulo: Ed. UNESP, 2011.

GATTOLIN André. Serpica Naro: um hoax activiste contre le milieu de la mode. **Multitudes** 25, été 2006, Mineure 25. Disponível em: <<http://www.multitudes.net/Serpica-naro-un-hoax-activiste/>>.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Tratado de nomadologia: A máquina de guerra. In: ____. **Mil Platôs**. Capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: Ed. 34, 1997a, p. 11-110. v. 5.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. O liso e o estriado. In: ____. **Mil Platôs**. Capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: Ed. 34, 1997b, p.179-214. v. 5.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Conclusão – Regras concretas e máquinas abstratas. In: ____. **Mil Platôs**. Capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: Ed. 34, 1997c, p. 215-323. v.5

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Micropolítica e segmentaridade. In: ____. **Mil Platôs**. Capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: Ed. 34, 1996, p. 83-115. v. 3.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Introdução: Rizoma. **Mil Platôs**. Capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: Ed. 34, 1995, p. 11-38. v. 1.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Kafka - Por uma literatura menor**. [1975]. Rio de Janeiro: Ed Imago, 1977.

LATOUR, Bruno. **Reagregando o social**: ma introdução à teoria do ator-rede. Bauru (SP): EDUSC, 2012.

LATOUR, Bruno. Como prosseguir a tarefa de delinear associações? **Configurações**, n. 2, 2006, p. 11-27.

SEGATA, Jean. A Etnografia como Promessa e o “Efeito Latour” no Campo da Cibercultura. **Ilha**, Revista de Antropologia, UFSC, v. 16, n. 2, p. 69-87, ago./dez. 2014.

SEGATA, Jean. A inventividade da rede. **Rastros**, ano 14, dez. 2013.
TAKEUTI, Norma. Dobras na juventude e nomadismo. **Latitude**, v. 6, n. 1, PPGS-UFAL, 2012.

TARDE, Gabriel. **As leis sociais: um esboço de sociologia**. Niterói: Editora da UFF, 2011.

TARDE, Gabriel. **Monadologia e sociologia e outros ensaios**. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

TARDE, Gabriel. La Croyance et le Désir (1880). In: _____. **Essais et mélanges sociologiques**. Paris : Éd. A. Maloine, 1895.